



EDWIGES DE SÁ PEREIRA: RESGATE DE UMA MEMÓRIA TRANSITANDO PELA SOCIEDADE PERNAMBUCANA

Telma Rejane Pinto dos Santos

Mestranda

Universidade Católica de Pernambuco

telma.00000849924@unicap.br

Resumo: Esta proposta busca elaborar uma pesquisa detalhada sobre a vida e os feitos de uma mulher notável que deixou sua marca na Academia Pernambucana de Letras como a primeira mulher a integrá-la, destacando-se também como professora, poetisa, jornalista, feminista e sufragista. Ativa no Movimento Feminista de Pernambuco, ela rompeu com as convenções, utilizando suas ideias inovadoras e corajosas para inspirar outras mulheres a reconhecerem e lutarem pelos seus direitos, frequentemente negados pela sociedade patriarcal. Além de sua contribuição significativa para o jornalismo, onde utilizou sua habilidade de persuasão para desafiar a percepção simplista da sociedade, ela foi uma defensora incansável dos direitos das mulheres, alcançando conquistas notáveis. A pesquisa também abordará seu impacto na educação, particularmente no estudo da organização e do funcionamento do ensino técnico e profissional em Pernambuco e outros estados, marcando profundamente a sociedade pernambucana com seu legado.

Palavras-chaves: Memória, Movimento feminista de Pernambuco, Educação

A narrativa de Edwiges de Sá Pereira (1884-1958) destaca-se por sua avançada perspectiva e atuação em diversas áreas, sendo uma figura pioneira na sociedade pernambucana e na luta pelos direitos das mulheres. Educadora, jornalista, poetisa e ativista feminista, ela rompeu barreiras sociais e preconceituosas do século XIX com cortesia e coragem, influenciando e conquistando seguidoras. Seu envolvimento significativo na educação é notável, particularmente através de seu papel no governo de Sergio Loreto, onde realizou um estudo detalhado sobre o ensino profissional e técnico, destacando suas falhas e propondo melhorias focadas nas necessidades reais dos alunos.

Edwiges criticou a abordagem educacional superficial da época e enfatizou a importância de uma educação prática e útil, especialmente para mulheres e camadas populares, visando uma maior qualificação para o mercado de trabalho. Seu relatório propôs a criação de escolas profissionais acessíveis, com um currículo prático e relevante, destacando a necessidade de uma educação que atenda às demandas econômicas e sociais do país e promova a igualdade de gênero.

Edwiges de Sá Pereira se destacou por sua influência transformadora na sociedade brasileira, particularmente em Pernambuco, durante um período marcado por rígidas convenções de gênero e limitadas oportunidades educacionais para mulheres. Como educadora, jornalista, poetisa e ativista, ela não apenas quebrou barreiras sociais, mas também estabeleceu um novo paradigma para o papel das mulheres na educação e na luta pelos direitos femininos. Em seu trabalho, Edwiges abordou criticamente as falhas do sistema de ensino profissional e técnico, destacando a desconexão entre a educação fornecida e as necessidades práticas e econômicas dos alunos. Como Superintendente dos Grupos Escolares da Capital, ela reformula o currículo para incluir habilidades práticas que fossem diretamente aplicáveis no mercado de trabalho, especialmente para as mulheres e a classe trabalhadora.

A perspectiva educacional de Edwiges não se limitou a críticas; ela propôs uma visão pragmática e inclusiva para o sistema educacional, que considerava a educação como uma ferramenta essencial para o empoderamento econômico e social. Ela defendia uma abordagem pedagógica que valorizasse o desenvolvimento integral do aluno – intelectual, físico, emocional e social – preparando-os de maneira mais eficaz para contribuir para a sociedade. Sua defesa pela criação de escolas profissionais

acessíveis a mulheres e classes populares refletia seu compromisso com a igualdade de oportunidades educacionais. Edwiges via na educação uma força motriz para a mudança social, uma ferramenta para mitigar desigualdades e um caminho para a autossuficiência e o desenvolvimento econômico. A abordagem inovadora de Edwiges à educação, juntamente com sua atuação incansável em prol dos direitos das mulheres, a coloca como uma figura-chave na história da educação e do movimento feminista no Brasil. Sua obra e dedicação contribuíram significativamente para o avanço das discussões sobre gênero e educação, deixando um legado duradouro que continua a inspirar gerações.

Os embates ocorridos durante a história da mulher por paridade, respeito, equiparação salarial, foram atravessados por muitas lutas, desafios, discussões que não foram tão fáceis assim. Para se combater a estrutura patriarcal carregada de preconceitos, desde o século XIX, não era tão fácil assim, o homem desfrutava de uma posição de privilégios e poder social, econômico e político, enquanto a mulher foge da norma padrão. Com isso, as mulheres são relegadas a submissão e impercebível. O homem possui melhores oportunidades, privilégios, liberdade, vantagens, regalias, enquanto a mulher ao se deparar com a cultura machista e autoritária procura se fortalecer, através de várias situações, entre elas a presença na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização essa fundada em 09 de agosto de 1922 no Rio de Janeiro com objetivo de defender a mulher brasileira.

Surge nesse cenário brasileiro Bertha Lutz como a grande comandante desta Liga Brasileira para o Progresso da Mulher (1922-1923) Ano seguinte, mudou o nome para Federal Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e este movimento atuou em todo país, com o objetivo de defender os direitos da mulher brasileira. Infelizmente em 1937 é publicado um decreto – Lei Nº 37 de 02 de dezembro de 1937 que proibia não só de partidos políticos, mas também de organizações civis. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) teve uma atuação fantástica no movimento pró-sufrágio feminino, chegando a despertar de forma internacionalmente.

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) foi fundada em 9 de agosto de 1922, no Rio de Janeiro, sob a denominação Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino, conforme registro efetuado junto ao 1º Ofício de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, datado de 25 de agosto do referido ano. Sucedia,

então, à Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, também referida como Liga para a Emancipação da Mulher, organizada desde 1919. De acordo com as atas de reunião, em fevereiro de 1924 a entidade passou a utilizar o nome mais abreviado - Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Durante esse tempo a Federação já estava mais consolidada, tendo incorporado várias associações com finalidades semelhantes. Com a mudança em seu estatuto em 1927, a estrutura associativa buscava os seguintes objetivos: -“*Coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o nível da cultura e tornar-lhe mais eficiente a atividade social, quer na vida doméstica, quer na vida pública, intelectual e política*”.

O momento importante na história do movimento feminista no Brasil, focando na criação e ações iniciais da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), uma organização fundada para promover os direitos das mulheres, especialmente o direito ao voto. A declaração de que a Federação "não havia ligação nenhuma com partidos políticos" destaca a sua independência e foco em questões de utilidade pública, em vez de interesses partidários. Isso sugere que a FBPF buscava representar um movimento social mais amplo, voltado para a igualdade de gênero e o progresso das mulheres em todas as áreas da sociedade, sem ser influenciada por agendas político-partidárias específicas. O fato de ter sido voltada para utilidade pública também indica um reconhecimento da importância social das questões que defendia, enfatizando o seu papel no bem-estar coletivo.

A menção de figuras proeminentes como Berta Lutz, Jerônima Mesquita, Stela Guerra Duval, Carmem Portinho e Maria Amália Bastos na composição da primeira diretoria da FBPF sublinha o papel de liderança dessas mulheres no movimento feminista brasileiro. Cada uma dessas mulheres tinha um histórico de ativismo e contribuição para a causa das mulheres, e sua participação na liderança da Federação reforçava o compromisso da organização com a promoção de mudanças sociais e legais em favor das mulheres.

O contexto em foco, também destaca um marco significativo na luta pelo sufrágio feminino no Brasil: a "primeira vitória em 1927, quando o governador do Rio Grande do Norte, Bezerra de Medeiros, reconhece o alistamento eleitoral feminino". Esse evento marca um ponto de virada na história do voto feminino no país, evidenciando o impacto concreto da campanha liderada pela FBPF. O reconhecimento do direito de voto das mulheres pelo governador do Rio Grande do

Norte foi um passo importante em direção à igualdade de direitos eleitorais no Brasil, demonstrando o sucesso da FBPF em promover reformas significativas, apesar dos desafios impostos pelo contexto social e político da época.

Portanto, a importância da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino como uma entidade pioneira no movimento pelo direito das mulheres no Brasil, destaca seu papel crucial na campanha pelo sufrágio feminino e na promoção de mudanças sociais que beneficiaram as mulheres brasileiras. Este relato aborda a trajetória do empoderamento feminino em Pernambuco, destacando a luta das mulheres pela conquista de um espaço significativo na sociedade. Desde o século XIX, mulheres pernambucanas se dedicaram intensamente à luta contra as adversidades impostas por uma sociedade profundamente patriarcal e machista, onde predominavam os interesses masculinos em todos os aspectos, desde a política até o lazer. Apesar dessas dificuldades, as mulheres encontraram maneiras elegantes e inteligentes de promover suas causas, desafiando as expectativas sociais de submissão e decoro.

Com a chegada do século XX, emerge mudanças políticas e econômicas que abalaram as estruturas de poder estabelecidas, criando novas oportunidades para as mulheres. Essas transformações permitiram que elas começassem a acessar posições de poder econômico e social, desafiando e eventualmente mudando a configuração do poder político. Através de registros, obras de arte e ocupação de cargos políticos, as mulheres buscaram consolidar seu papel na sociedade, sinalizando um movimento em direção à igualdade de gênero.

Apesar desses avanços, a análise também reconhece que, no início do século XX, a posição da mulher na sociedade pernambucana ainda era marcada por um forte conservadorismo. Normas sociais rígidas determinavam que as mulheres deveriam ser submissas primeiro ao pai e, após o casamento, ao marido. Essa expectativa de submissão reflete a persistência de valores patriarcais tradicionais que as mulheres continuavam a contestar em sua busca por autonomia e reconhecimento. Nessa aclaração, retrata a incansável jornada de resistência das mulheres pernambucanas contra as estruturas patriarcais opressivas, buscando redefinir seu lugar na sociedade através do empoderamento econômico, social e político. Ao mesmo tempo, evidencia os desafios persistentes impostos pelo conservadorismo

social, marcando a jornada feminina como uma de resistência contínua e reivindicação de direitos e espaços.

Toda essa argumentação relata um momento fervilhante de revolução social no alvorecer do século XX, quando mulheres ousadamente transgrediram as fronteiras de gênero, infiltrando-se em redutos até então exclusivamente masculinos. Essa invasão feminina em ambientes de trabalho e de prazer, tais como bares, cafés e clubes, não apenas desafiou, mas também abalou as fundações de uma sociedade que as encarava com profunda suspeita e resistência.

Apesar da atmosfera de ceticismo, as mulheres persistiram com determinação, não somente adentrando esses espaços com sua presença, mas reivindicando-os como seus. Nesse cenário de audácia e contestação, Recife testemunhou o nascimento de dois baluartes do feminismo: a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino e a Cruzada Feminista Brasileira, verdadeiros faróis de luta pela emancipação feminina.

Um momento crucial dessa saga ocorre em 10 de novembro de 1931, no Clube Internacional do Recife. Sob os holofotes da história, Odila Porto da Silveira, em nome da Federação Brasileira pelo Progresso, sacramentou a criação da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino. Esse ato não foi meramente cerimonial, mas um desafio audacioso às convenções, marcando a ascensão formal do movimento feminista em Pernambuco.

Esse discurso não apenas relata a corajosa incursão das mulheres em territórios até então vedados, mas também celebra o espírito indomável daquelas que, contra todas as expectativas, lutaram por seu direito de participar plenamente em todos os aspectos da vida pública e profissional. Ele destaca a essência vibrante e a paixão das organizações feministas que, com fervor, desafiaram e transformaram as estruturas de poder tradicionais, acendendo a chama da igualdade de gênero em uma sociedade que estava prestes a ser mudada para sempre.

Um marco importante na história do movimento feminista no Brasil, também em acontecem em Pernambuco quando, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino desempenhou um papel crucial ao inaugurar a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, com Edwiges de Sá Pereira sendo eleita presidente da nova associação. A cerimônia de posse incluiu uma revisão detalhada do estatuto e

do programa da associação por Cora Sant'Anna, membro do Conselho Auxiliar da Federação Pernambucana, sublinhando a seriedade e o compromisso da organização com a promoção dos direitos e do progresso das mulheres.

Neste documento menciona a participação ativa de Edwiges de Sá Pereira no II Congresso Internacional Feminista, realizado no Rio de Janeiro. Sua presença e contribuição ao congresso, através da apresentação da tese "PELA MULHER, PARA MULHER", enfatiza a defesa fervorosa da educação feminina como um pilar essencial para a emancipação e o progresso das mulheres. Ao apresentar sua tese *Pela mulher, para mulher* no evento, deixava em evidência a questão da educação feminina, e chama atenção nos três tipos bem especificado de cada situação vivida pelas mulheres:

- A que não precisa trabalhar
- A que precisa e sabe trabalhar
- E a que precisa e não sabe trabalhar

Através dessa classificação, Edwiges pretendia investigar a “ situação da mulher brasileira relativamente às condições econômicas de cada classe” (Pereira,1932:04). As mulheres pertencentes a **primeira classe**, as que não precisa trabalhar; são caracterizadas pelas sinhás, rainha do lar, grandes damas, conceitos femininos que foram processados e veiculados por um bom tempo. As mulheres da **segunda classe** as que precisam e sabem trabalhar, Edwiges chama atenção sobre a questão do preconceito lançados para essas mulheres que trabalhavam nas fábricas, no começo do século XX, e chega ao desenlace da seguinte forma: Analisando os discursos de que o trabalho nas fábricas não era lícito às mulheres pois poderia afetar: sua natureza orgânica; Diminuir sua fertilidade; Comprometer a natalidade. Masculinizá-la, Perderia o sentimento de pudor e Ameaçava a ordem familiar ... (Pereira, 1932;08) e a **terceira classe** as que precisam e não sabem trabalhar fazem parte dessa ordem aquelas mulheres que vivem nos grandes centros urbanos sejam as rameiras ou pedintes, essas deslembadas pela sociedade. Essas mulheres eram desprovidas de educação, higiene e nem religião.

O foco de Edwiges era a mudança, a situação desta última a única libertação para essa classe era o seguinte: as duas primeiras classes se unirem e estabelecerem estratégias para resgatá-la através das seguintes ações: educá-las, orientá-las na questão da higiene para a conservação da saúde e instruí-la moralmente. Edwiges encerra sua

tese advogando que a única forma dessas mulheres que estão na terceira classe é a educação única maneira para a libertação dos reveses da vida. Como proposta, essa situação seria a construção de novas escolas sejam elas voltadas para o lado” pedagógico, profissionais, agrícolas, domésticas – onde a colaboração feminina se possa exercer num plano de proteção e defesa para a finalidade social da mulher, e a coordenação dos objetivos nacionais consubstanciados na família, na moral, na religião, na liberdade” (Pereira, 1932:12)

Essa tese, posteriormente publicada em livro em 1932, representa um importante documento do pensamento feminista da época, oferecendo insights valiosos sobre as lutas e aspirações das mulheres no início do século XX. Esse período foi caracterizado por um esforço concentrado para reconhecer e afirmar os direitos das mulheres, especialmente no campo da educação, que era visto como fundamental para alcançar igualdade de gênero e empoderamento. A eleição de Edwiges de Sá Pereira e suas atividades subsequentes refletem o dinamismo e a determinação do movimento feminista em Pernambuco e no Brasil como um todo, lutando por um futuro onde as mulheres poderiam desfrutar de oportunidades iguais e serem reconhecidas como membros plenos e ativos da sociedade.

O parágrafo em questão sublinha um momento crucial tanto para o movimento feminista no Brasil quanto para a trajetória de Edwiges de Sá Pereira como uma defensora dos direitos das mulheres. O II Congresso Internacional Feminista, realizado em agosto no Rio de Janeiro, foi um evento de grande relevância, congregando vozes e forças de todo o mundo em prol da causa feminina. A escolha do Automóvel Clube como palco desse encontro não é um mero detalhe logístico; simboliza a modernidade e a vanguarda do movimento, marcando o evento com um caráter de prestígio e seriedade.

A presença de Edwiges de Sá Pereira nesse congresso é particularmente notável. Sua participação não se limitou a ser apenas mais uma voz entre muitas; ela se destacou ao apresentar sua tese "PELA MULHER, PARA MULHER", um manifesto que defendia fervorosamente a educação feminina como ferramenta de emancipação. A educação, na visão de Edwiges, era a chave para desbloquear o potencial das mulheres, permitindo-lhes acessar oportunidades iguais e contribuir mais plenamente para a sociedade. Esta tese não era apenas um discurso teórico;

refletia uma compreensão profunda das barreiras que impediam as mulheres de alcançar a plenitude de seus direitos e potenciais.

O fato de sua tese ter sido posteriormente publicada em formato de livro no ano seguinte, 1932, amplifica sua importância. A publicação não somente perpetuou as ideias apresentadas no congresso, mas também as tornou acessíveis a um público mais amplo, espalhando seu apelo por mudanças na forma como a sociedade percebe e trata a educação das mulheres. Isso sugere que o trabalho de Edwiges encontrou ressonância e apoio, contribuindo para o debate e as ações em torno da igualdade de gênero e do empoderamento feminino.

Este evento e a subsequente publicação da tese de Edwiges representam um ponto de inflexão na luta pelo direito das mulheres à educação e, por extensão, ao seu lugar na sociedade. Demonstrem a interseção entre o ativismo local e as correntes globais do feminismo, evidenciando como ideias e iniciativas locais podem ganhar relevância e impacto em um cenário mais amplo. A participação de Edwiges nesse contexto não apenas elevou seu status como uma líder feminista, mas também sublinhou a importância da solidariedade e do intercâmbio de ideias entre diferentes movimentos feministas ao redor do mundo.

A participação de Edwiges de Sá Pereira no II Congresso Internacional Feminista e a subsequente publicação de sua tese "PELA MULHER, PARA MULHER" em livro são eventos de profunda significância histórica, refletindo um momento em que o movimento feminista começava a ganhar maior visibilidade e influência no Brasil e no mundo. Essa conjuntura destaca não apenas a luta das mulheres por direitos e reconhecimento, mas também a emergência de uma consciência coletiva sobre a importância da educação feminina como pilar essencial para o desenvolvimento social e a emancipação.

Ao escolher o Automóvel Clube do Rio de Janeiro como sede para este congresso, o movimento feminista não só se apropriou de um espaço de prestígio e tradição, mas também simbolizou a entrada das mulheres em domínios até então reservados aos homens, desafiando as convenções sociais e as barreiras de gênero. Esse ato foi um manifesto vivo da busca por igualdade e a afirmação do direito das mulheres de participar plenamente em todos os aspectos da vida pública.

Edwiges de Sá Pereira, ao apresentar sua tese, não somente contribuiu para esse diálogo transformador, mas também se posicionou na vanguarda da luta pelo direito à educação das mulheres. Sua defesa apaixonada da educação feminina como ferramenta de libertação foi um chamado à ação, ecoando as demandas por mudança que resonavam em diversas partes do globo. A tese abordava questões cruciais, como a necessidade de reforma educacional que reconhecesse as mulheres como iguais aos homens, tanto em direitos quanto em potencialidades.

A publicação dessa tese em formato de livro ampliou seu alcance, transformando as ideias de Edwiges em um recurso acessível e inspirador. Isso não só perpetuou o legado de sua participação no congresso, mas também serviu como uma fonte de inspiração e um manual de ação para futuras gerações de feministas. A obra de Edwiges se tornou um marco na literatura feminista brasileira, contribuindo significativamente para o debate sobre a educação feminina e seu papel na sociedade.

Este momento histórico, marcado pela assertividade e pela eloquência de Edwiges de Sá Pereira, ressalta a interconexão entre os movimentos feministas locais e globais. Sua atuação evidencia como as vozes femininas brasileiras contribuíram para o mosaico internacional da luta por igualdade de gênero, reforçando a importância da solidariedade internacional entre mulheres na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste apanhado, o II Congresso Internacional Feminista e a obra subsequente de Edwiges de Sá Pereira são testemunhos da rica história de ativismo e contribuição das mulheres brasileiras para o movimento feminista global. Eles destacam a luta contínua pelo reconhecimento dos direitos das mulheres, especialmente no campo da educação, como um alicerce fundamental para a igualdade e a emancipação feminina.

Esta exposição realça conceitos-chave que ilumina princípios essenciais fundamentais da teoria da memória social proposta por Maurice Halbwachs, enfatizando o papel da memória não apenas como um registro do passado, mas como uma força ativa que molda e redefine nossa compreensão do presente e do tempo. Segundo Halbwachs, a memória coletiva funciona como uma rede que,

paradoxalmente, aprisiona e ao mesmo tempo liberta o presente, permitindo uma compreensão mais rica e multifacetada da experiência humana.

Ao afirmar que a memória "desaprisionaria os fatos de uma temporalidade linear, externa, própria da reconstrução histórica", o texto sugere que as memórias coletivas nos permitem transcender uma visão puramente cronológica e factual da história. Isso implica que a história, quando filtrada através da memória coletiva, adquire novas dimensões, enriquecendo-se com as vivências e as interpretações diversas dos indivíduos que compartilham essas memórias. Essa perspectiva desafia a ideia de uma história única e imutável, propondo, em vez disso, uma tapeçaria complexa de narrativas entrelaçadas, cada uma trazendo seu próprio tempo e significado.

A segunda metade da discussão mergulha na dinâmica de como as memórias são tecidas e incorporadas pelos indivíduos, entrelaçando-se nas tramas de suas interações grupais. Halbwachs argumentava que a memória individual é profundamente influenciada pelas memórias coletivas do grupo ao qual um indivíduo pertence. Assim, as lembranças pessoais são inseparáveis do contexto social e cultural, sugerindo que a memória individual é, em grande medida, uma construção social. Há um processo contínuo de apropriação e reinterpretação das memórias coletivas, onde os indivíduos constroem suas próprias versões dos eventos passados, influenciados pelas interações e pelas narrativas compartilhadas dentro de seus grupos sociais.

Essa interação entre memória coletiva e individual destaca a importância das redes de relações sociais na formação da identidade pessoal e coletiva. A memória, portanto, não é estática, mas dinâmica, constantemente recriada através da interação social. Ela serve como uma ponte entre o passado e o presente, influenciando como interpretamos nossa realidade atual e como visualizamos o futuro. Para Maurice Halbwachs

Em realidade, no desenvolvimento contínuo da memória coletiva, não há linhas de separação nitidamente traçadas, como na história, mas somente limites irregulares e incertos. O presente (entendido como estendendo-se por uma certa duração, aquela que interessa à sociedade de hoje) não se opõe

ao passado, configurando-se dois períodos históricos vizinhos. Porque o passado não existe, enquanto que para o historiador os dois períodos têm realidade tanto um quanto outro

Importante ressaltar a complexidade da memória como fenômeno social, iluminando seu papel central na constituição da identidade individual e coletiva, bem como na nossa percepção do tempo e da história. A teoria de Halbwachs nos leva a reconsiderar a relação entre o passado e o presente, sugerindo que nossa compreensão do mundo é profundamente modelada pelas memórias que compartilhamos e pelas narrativas que construímos juntos. Navegando pelo universo de Halbwachs, somos convidados a embarcar em uma jornada através do tempo, onde o passado e o presente se entrelaçam em uma dança eterna, guiada pelas mãos invisíveis das memórias coletivas. Imagine que cada memória compartilhada seja uma estrela no céu noturno da nossa consciência coletiva, e as narrativas que tecemos juntos formam constelações que orientam nossa navegação pelo oceano da existência.

Esta teoria nos propõe uma lente mágica que revela como o tecido da realidade é, na verdade, um mosaico de percepções entrelaçadas, cada fio colorido pelas tintas das nossas experiências compartilhadas. O passado, longe de ser uma terra estrangeira ou um reino esquecido, vive e respira no presente, alimentando nossas visões, sonhos e decisões. Ao percebermos que a tapeçaria do mundo é tecida com as linhas das nossas memórias conjuntas, compreendemos que cada momento vivido é uma pincelada no quadro maior da história humana. Somos tanto artistas quanto obras de arte, moldados pelas histórias que contamos e que nos contam, participando ativamente na criação de um presente que é, ao mesmo tempo, espelho e janela para o passado.

Essa perspectiva nos desafia a olhar além do horizonte visível, reconhecendo que o agora é apenas um ponto de encontro para as muitas temporalidades que habitam dentro de nós. Ao abraçarmos as memórias que compartilhamos, tornamo-nos guardiões de um tesouro imaterial, responsáveis por passar adiante o bastão da história, enriquecendo o futuro com as lições e os legados do que foi vivido. Assim, a teoria de Halbwachs é um convite para dançarmos ao ritmo do

tempo, conscientes de que cada passo que damos é ecoado pelos passos daqueles que vieram antes de nós e que será ouvido pelas gerações que nos seguirão. Estamos todos conectados na grande rede da memória coletiva, onde cada nó é um coração pulsante, batendo em uníssono com o coração do mundo.

Mergulhando mais fundo nesta visão, somos instigados a transcender as barreiras do tangível, a enxergar o presente como um átrio onde se cruzam inúmeros rios do tempo, fluindo desde o mais remoto passado até o infinito do futuro. As memórias que cultivamos e compartilhamos são, portanto, mais que simples recordações; são o sangue que corre nas veias desses rios, carregando consigo a essência viva de nossas experiências coletivas. Elas nos conferem o papel de sentinelas do tempo, encarregados de tecer a narrativa contínua da humanidade, de dotar o amanhã com a sabedoria e as riquezas acumuladas ao longo de nossa jornada conjunta.

A teoria de Halbwachs nos convida a uma valsa cósmica, na qual cada movimento nosso ressoa nas câmaras do tempo, reverberando entre as eras. Somos, simultaneamente, eco e fonte, influenciados por vozes ancestrais enquanto sussurramos segredos para o futuro. Este convite para dançar ao ritmo do tempo é um chamado para a consciência de nossa interconexão, uma lembrança de que não estamos isolados em nossa existência, mas entrelaçados em uma tapeçaria complexa e bela, tecida com os fios da memória coletiva.

Neste tecido, cada ponto de conexão, cada nó, vibra com a vida de incontáveis histórias, pulsando em harmonia com o universo. Somos convidados a reconhecer que nossas ações, nossos sonhos e nossas memórias são parte de uma sinfonia maior, composta por todas as almas que já pisaram na terra. Esta percepção da interdependência entre as gerações, da continuidade da existência humana através da memória coletiva, nos dá um senso de propósito e lugar no mundo.

Portanto, ao mergulharmos mais fundo na essência da teoria de Halbwachs, somos inspirados a apreciar cada instante vivido e cada narrativa partilhada como um valioso contributo para o vasto mosaico da experiência humana. Entre nós, Edwiges de Sá Pereira emerge como uma luminária, cuja vida e obra exemplificam a arte de tecer este vibrante tapete da história com fios de coragem, visão e determinação. Como artífices deste tecido complexo e colorido que narra a saga

humana, cada um de nós é chamado a contribuir ativamente para um patrimônio que se estende além das barreiras do tempo e do espaço. Nosso encargo, assim como nosso privilégio mais profundo, reside em alimentar a chama da memória coletiva, garantindo que o pulso do mundo siga batendo ao ritmo da riqueza, diversidade e esplendor das inúmeras vidas que se entrelaçam na dança perpétua do tempo. Edwiges de Sá Pereira, com sua trajetória revolucionária, não apenas deixou sua marca na tapeçaria da nossa história coletiva, mas também nos convoca a perpetuar essa tradição de transformação e preservação da memória como um farol para as gerações futuras.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARAL, Walter Valdevino do. Edwiges de Sá Pereira: Uma voz pernambucana no Segundo Congresso Internacional Feminista (Rio de Janeiro, 1931). *Temporalidades*, v. 8, n. 3, p. 469-479, 2016.

AMARAL Walter Valdevino. “UM PASSADO QUE NÃO MORRE”: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE EDWIGES DE SÁ PEREIRA. *Revista Ágora*, [S. l.], n. 13, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/5044>. Acesso em: 6 nov. 2022.

ARANGO, Diana Elvira Soto. FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO. *Revista História de la Educación Latino americana*, v. 18, n.26, p. 313-326, 2016

<https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/5044>. Acesso em: 4 nov. 2022.

CALIXTO, Carolina; GOUVÊA, Viviane. O fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino no Arquivo Nacional. *Acervo*, v. 33, n. 2, p. 239-253, 2020.

CAMPELO, Maruza Gabrielle Martins, and Walter Valdevino Valdevino do Amaral. "EDWIGES DE SÁ PEREIRA: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DA ESCRITORA, FEMINISTA E EDUCADORA

CAMPELO, Maruza Gabrielle Martins, and Walter Valdevino Valdevino do Amaral. "EDWIGES DE SÁ PEREIRA: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DA ESCRITORA, FEMINISTA E EDUCADORA PERNAMBUCANA." XII COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA UNICAP| II COLÓQUIO DE HISTÓRIA DO PPGH. 2019.

CARLOS, GIL, A. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 7.ed. São Paulo: Grupo GEN, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CHACON, Dulce. Edwiges de Sá Pereira Escritora, acadêmica e professora. Recife: Gráfica Bôa Vista, 1958,28p

CHIZZOTTI, A. Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. Petrópolis: Vozes, 2006. 144p

DE LIMA, Maria Angélica Pedrosa. Entre engajamentos e manifestos: a inserção de Edwiges de Sá Pereira nos espaços Públicos do Recife (1920–1935). BIOGRÁFICOS DE IGES DE SÁ PEREIRA." Revista Ágora 13 (2011).

FEDERAÇÃO Pernambucana Pelo Progresso Feminino. Acta da sessão solene de posse da primeira diretório eficaz da Federação pernambucana pelo Progresso Feminino. Dentro: Livro de Atas das Sessões Extraordinárias e de Assembléa Geral. Recife, 10 nov. 1931, pág. 01-05

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva Editora Revistas dos Tribunais LTDA São Paulo, 1990

PEREIRA, Edwiges de Sá. Horas inúteis: poesias. Recife: Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial, 1960.

_____. Edwiges de Sá. Relatório apresentado por Edwiges de Sá Pereira. Professora Catedrática da Escola Normal de Pernambuco, em Comissão Oficial do Governo do Estado. Recife, 1926.

PINTO, Celi Regina J. Uma história do feminismo no Brasil. 2003.

Periódico

O Sexo Feminino: semanário literário, recreativo e noticioso especialmente dedicado aos interesses da mulher. Rio de Janeiro, 1875-1890.

Jornal Pequeno (PE) - 1898 a 1955

Diário de Pernambuco - Diário de Pernambuco (PE) - 1920 a 1929

Revista

Periódico O Lyrio nº 1,2,3,4,13 Periódico Careta

Periódico: O Sexo Feminino: semanário literário, recreativo e noticioso especialmente dedicado aos interesses da mulher. Rio de Janeiro, 1875- 1890.

Periódico A Família: jornal dedicado à educação da mãe de família. Rio de Janeiro, 1889-1890